

G E R A Ç Õ E S E V A L O R E S

Estudos

As religiões na escola

*Se a escola
tem por missão colaborar
na formação integral
do aluno, então
não pode ignorar nenhuma
das suas dimensões
específicas,
sob pena
de não poder concretizar
o seu objectivo principal.
Não considero, pois,
a presença das «religiões»
na escola
como um privilégio
concedido
a determinados grupos, ou
uma cedência
feita a determinadas
instituições.
Pelo contrário,
considero a sua presença
como um dever
da própria escola.*

**Juan Francisco
Ambrósio**

Faculdade de Teologia
da Universidade
Católica Portuguesa

A escola
ao serviço da pessoa

As questões relativas à educação ocupam um lugar central na reflexão e nas preocupações das nossas sociedades. Com efeito, todos sabemos que dela depende, em muito, o futuro que queremos preparar desde já. Nesta linha, é significativa a afirmação feita por Federico Mayor no *Relatório Mundial de Educação* elaborado pela UNESCO em 1998:

“O mundo que deixamos às nossas crianças depende em grande parte das crianças que deixarmos ao nosso mundo. As esperanças que o mundo deposita no futuro residem nos jovens de hoje e na sua disposição para aceitar os desafios do próximo século. No limiar do século vinte e um, a educação da juventude nunca teve tanta necessidade do nosso empenho e recursos. Os professores nunca tiveram um papel tão crucial no nosso futuro colectivo”¹.

Não tenhamos dúvidas, a educação foi, e continuará a ser, um dos grandes instrumentos de humanização das sociedades e da própria pessoa humana. Sem medo de exagerar, podemos mesmo afirmar que o ser humano aprende também a ser humano através da educação.

Neste contexto, a escola ocupa, indubitavelmente, um papel fundamental. Claro que ela não é a única, nem a mais importante, instância educadora. A família, como é evidente, tem aqui o lugar central e mais importante. No entanto, e no meu entender, a escola é fundamental, não

¹ Professores e ensino num mundo em mudança. *Relatório Mundial de Educação 1998* = Coleção Perspectivas Actuais, Edições Asa, Lisboa 1998, 5.

simplesmente como substituta da família, nos muitos casos em que esta, pelas mais variadas razões se demite do seu papel, mas porque a ela compete, também, desempenhar um papel específico e insubstituível². Certo tipo de competências, de capacidades, de atitudes e conhecimentos necessitam de um outro ambiente e contexto, que não simplesmente o familiar – sobretudo como nós entendemos hoje a família –, para serem assimilados e se tornarem parte integrante da pessoa.

Sem entrar aqui na discussão, sempre importante e apaixonante dos objectivos da educação, e, dentro destes, dos objectivos da escola (o tempo reservado para esta mesa redonda não nos permite essa reflexão), quero simplesmente afirmar que, para mim, o objectivo fundamental de toda a educação é a personalização dos educandos.

Já todos sabemos que uma concepção enciclopedista da escola não nos leva muito longe. A sua missão não pode ser simplesmente transmitir informação, por muito seleccionada e estratégica que esta possa ser. Precisamos de ter a coragem de querer ir mais longe, percebendo que, hoje em dia, mais importante do que a informação – que os alunos podem ir buscar aos mais diversos sítios – são os critérios para discernir e processar essa informação. E mais importante que os critérios é, ainda, a pessoa que os vai utilizar e manejar.

A pessoa do educando e a sua personalização têm que ocupar o lugar mais importante em todo o processo educativo. Por isso, tudo lhes deve estar referido, por isso, a escola não se pode construir à volta desta ou daquela disciplina, destes ou daqueles interesses, por muito importantes que eles possam ser, mas tem que ser pensada e construída à volta da pessoa e da sua formação integral.

A experiência religiosa como experiência característica do ser humano

Ora bem, se a formação integral do aluno deve constituir o centro das suas preocupações, então a escola tem que prestar atenção a todas aquelas dimensões que são constitutivas do ser humano.

Entre estas, está certamente a dimensão religiosa. Falo explicitamente nela, porque é disso que esta mesa redonda trata. Na realidade, a experiência religiosa constitui uma das notas características do ser humano. Só este é capaz de a viver e experimentar, pelo que podemos afirmar que ela constitui um dos traços característicos que o distinguem dos outros seres.

Com isto, não quero dizer que quem não vive a experiência religiosa não pode ser verdadeiramente humano. O que quero afirmar é que a sua vivência é uma das dimensões distintivas da humanidade, de tal maneira que se pode afirmar que quem vive essa experiência está a viver a sua condição humana numa das dimensões que lhe é característica e específica³.

Se a escola tem por missão colaborar na formação integral do aluno, então não pode ignorar nenhuma das suas dimensões específicas, sob pena de não poder concretizar o seu objectivo principal.

Daquilo que acabo de afirmar, de uma maneira simples e rápida, é fácil depreender que não considero a presença das 'religiões' na escola como um privilégio concedido a

² Apesar de considerar a escola um dos agentes indispensáveis em todo o processo educativo, tenho consciência de que ela terá de passar por profundas e grandes alterações se quer verdadeiramente realizar a missão que lhe compete.

³ Para mim como crente essa experiência é motivo de profunda humanização, realização e felicidade.

determinados grupos, ou uma cedência feita a determinadas instituições. Pelo contrário, considero a sua presença como um dever da própria escola.

A presença de disciplinas como A Educação Moral e Religiosa Católica ou de outras Confissões, parece-me, pois, totalmente justificada, pertinente e, até, necessária⁴.

Outra questão, diferente desta, ainda que na sua continuidade, é saber quais os contornos que estas disciplinas devem assumir, para que, dentro do contexto escolar, persigam os mesmos objectivos educativos que estão confiados à escola, ou seja, para que elas possam realizar na escola, aquilo que é pedido à escola.

Contributo específico da disciplina de EMRC

Apresento de seguida, de uma maneira muito sucinta, qual o contributo específico que a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, pode e deve dar à escola⁵.

Uma «chave» de análise e de interpretação

As diferentes áreas do ensino devem ter como objectivo a função de mostrar perspectivas de interpretação da realidade circundante. A este nível, um profundo respeito pela liberdade dos alunos implica a obrigação de proporcionar-lhes todas as perspectivas possíveis, não só as científicas e históricas, mas também as estéticas, as filosóficas, as éticas e as religiosas, com a finalidade de poder facilitar-lhes a construção da sua própria cosmovisão e do seu projecto de vida, como contributos essenciais para a sua personalização.

Para alcançar este objectivo, de apresentar uma chave de leitura e de interpretação do mundo e da existência humana nele, a EMRC deve propor uma caminho de indagação e busca e não um caminho de endoutrinamento ou proselitismo⁶.

Com isto não sugiro que se tenha que tirar autenticidade aos seus conteúdos, para que possa ser mais facilmente aceite, o que defendo é que os caminhos a percorrer e os conteúdos a tratar devem ser propostos e não impostos e que são um caminho possível, mas não certamente o único, para fazer uma aprendizagem significativa do fenómeno religioso.

Afirmar a totalidade da pessoa

A formação integral da pessoa supõe, como já foi dito, tomar consciência de todas as dimensões que constituem a realidade humana. É que se definimos a pessoa exclusivamente a partir de uma dimensão, o seu desenvolvimento será exclusivamente linear, o que nos colocaria perante a construção do ser humano unidimensional, qualquer que seja a natureza da referida dimensão.

⁴ Claro que se pode sempre questionar se a presença das religiões na escola não poderia ter um contorno diferente do disciplinar. Parece-me, no entanto, evidente, que é sempre necessário haver momentos de sistematização explícita dos conteúdos em cada uma das áreas. O português, p. ex., é uma realidade trabalhada transversalmente, mas ninguém nega a necessidade da presença de uma disciplina específica. Assim, também, e devido à maneira como a escola está organizada nos nossos dias, a presença de disciplinas nesta área parece-me fundamental.

⁵ Falo explicitamente nesta disciplina, pois é neste âmbito que desenvolvo uma parte significativa do meu trabalho.

⁶ A este propósito cf. Abílio de GREGÓRIO GARCÍA, *Aportación específica de la enseñanza de la religión a la sociedad y a la escuela europea en los umbrales del tercer milenio*, in *O contributo do ensino religioso para a tarefa educativa escolar na Europa no limiar do terceiro milénio*, VIII Fórum Europeu do Ensino Religioso Escolar (Lisboa 3-7 de Junho de 1998), SNEC, Lisboa 2000, 114-124.

Se partimos de uma concepção bidimensional, então já somos obrigados a pôr em jogo mais variáveis, o que nos permite ultrapassar o perigo de uma construção redutora da pessoa humana.

Mas podemos e devemos ir mais longe, concebendo a pessoa a partir de três dimensões, o que nos permite alcançar outra profundidade e outra consistência na construção da personalidade.

Aqui estamos, pois, perante uma concepção de pessoa como unidade biológica, físico-social e transcendente (de sentido). Nela todas as dimensões estão organicamente inter-relacionadas, inter-actuando e formando um todo. No processo de personalização é, naturalmente, este todo que tem que ser assumido⁷.

Ao trabalhar a dimensão do transcendente, como proposta clara de um processo personalizador, a EMRC contribui especificamente para que a escola possa realizar a sua missão.

Desenvolver a «competência» religiosa

A dimensão da religiosidade e da transcendência, como chave de leitura do mundo e da existência e como vector da construção do todo da pessoa, implica que tenhamos a coragem de trabalhar a «competência» e a sensibilidade religiosa de cada aluno.

Esse trabalho pode ser feito a partir de 4 aspectos⁸:

Em primeiro lugar, é importante desenvolver nos alunos a **sensibilidade religiosa**, ou seja a sua aptidão para perceber a dimensão religiosa da realidade.

Os **conteúdos religiosos** são igualmente importantes, pois é a partir deles que se torna possível fazer leituras críticas e entender melhor uma determinada cultura e uma determinada tradição presentes nas nossas sociedades.

Todas as questões relativas à realidade da **comunicação religiosa** não podem, também, ser ignoradas. Conceitos como p. ex. a fé, a graça, o pecado, a justificação, a salvação, fazem parte de um vocabulário que é importante trabalhar, para que se possa entender o que é que se está a tratar e a falar. Neste âmbito, pode-se prestar um contributo importantíssimo para ir desenvolvendo, nos alunos, uma atitude dialogante com as várias religiões, percebendo melhor o que elas querem dizer e propor.

O **comportamento religioso** deve, igualmente, ser abordado. O conhecimento de algumas formas fundamentais do comportamento religioso, tais como a oração, o culto, o compromisso, é um contributo essencial para possibilitar aos alunos o entendimento e a aceitação de determinados papéis religiosos. Contudo, o que cada um decide fazer a partir deste contributo, optando ou não por assumir um determinado papel, não é já o objectivo directo da EMRC.

Notas conclusivas

Permitam-me agora, à maneira de conclusão, explicitar algumas implicações daquilo que foi dito.

Não preconizo para a disciplina de EMRC um modelo catequético. Claro que entre esta e a catequese existem pontos de contacto fortes e evidentes, mas o percurso proposto

⁷ Cf. a interessante reflexão de Abílio de GREGORIO GARCÍA, *Valores y educación*, Federación Española de Religiosos de Enseñanza, Madrid 1995, 30-34.

⁸ Recolho aqui a ideia apresentada por Ulrich HEMEL na sua conferência *Exhortación a la vida y mediación de la competencia religiosa. Fines de la enseñanza religiosa hoy*, proferida no IX Forum Europeu do Ensino Religioso Escolar, que teve lugar em Bratislava, de 26 a 30 de Abril de 2000.

e os seus objectivos não se podem confundir. O Objectivo da catequese é claramente a construção da comunidade eclesial e da identidade cristã. Não é esse o objectivo último da EMRC. Obviamente que, para aqueles alunos que frequentam a disciplina e são cristãos, ela contribui para o aprofundamento da sua fé.

Também não preconizo para a EMRC um modelo de mera informação cultural e histórica. É certo que o fenómeno religioso como fenómeno cultural e histórico é uma realidade incontornável, mas também nesta área, como nas outras, não nos podemos ficar pelos aspectos informativos.

Preconizo um modelo de diaconia⁹. A EMRC pretende prestar um contributo para a missão educativa da escola. O mundo e a existência humana nele podem ser interpretadas religiosamente. A pessoa humana também se constrói a partir desta perspectiva, mas isso não é possível se não existir o conhecimento, a capacidade e a competência necessária para fazê-lo.

A EMRC não se pode confundir com o ensino de uma religião: a religião católica, mas é o ensino feito a partir de uma religião concreta. É que a dimensão da religiosidade tem que ser sempre reflectida e proposta a partir de modelos concretos, uma vez que não existe a religião no abstracto, mas sim as diversas religiões e movimentos religiosos.

A EMRC deve ajudar os alunos no sentido de uma concretização e explicitação da dimensão religiosa específica do ser humano, mas não pode pedir como ponto de partida a fé, nem exigir, da parte dos alunos, respostas ditadas pela fé.

O que a EMRC propõe é ajudar os alunos a fazer o percurso do seu crescimento e da sua formação pessoal. Para isso promove-se o conhecimento e o encontro com o conteúdo da fé cristã católica, respeitando, no entanto, quer o processo educativo específico da escola, quer as suas consciências e liberdade¹⁰.

Por tudo isto, acredito sinceramente que o contributo da Educação Moral e Religiosa Católica e das outras Confissões, pode ajudar-nos a alcançar uma escola com mais qualidade, pelo que se deve exigir, da parte de todos os seus agentes educativos, uma postura que facilite e, porque não dizer-lo também, que incentive o desempenho desse contributo.

⁹ Com esta expressão de cariz marcadamente teológico, e que tomo de Ulrich HEMEL, defendo um modelo que apresenta a disciplina no seu contributo específico à construção pessoal dos alunos e à tarefa educativa da escola.

¹⁰ Cf. a este propósito Juan AMBROSIO, *A confessionalidade do Ensino Religioso Escolar*, in *Pessoa, Cultura, Fé. O ensino religioso escolar ao serviço da construção da pessoa*, Forum do Ensino Religioso em Portugal (Fundação Calouste Gulbenkian, 3-5 de Dezembro de 1997), SNEC, Lisboa 1998, 95-99.